

samento que se encontra, hoje em dia, em franco desenvolvimento sobre os Estudos Literários, as Humanidades, as Ciências Sociais e Humanas, após a enunciação, no final do século XX, do tópico da “morte da literatura”.

Marta Teixeira Anacleto

ENSINO DAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. PERCUSOS DE LEITURA DA NARRATIVA.

CARLA FERREIRA

Lisboa, CLEPUL, 2012

237 páginas, ISBN 9789898577023

O tratamento dos conteúdos literários e de questões didáticas, no âmbito do ensino de literaturas de língua portuguesa em contexto escolar, tem neste livro de Carla Ferreira um lugar central. A autora desenvolve uma proposta convincente e fundamentada de alargamento do cânone literário escolar no espaço da disciplina de Português no ensino secundário.

Investigadora integrada do CLEPUL e docente no Ensino Secundário, Carla Ferreira apresenta um contributo inestimável para os professores do ensino secundário e para todos os que, também no ensino superior, se interessam pela didática da literatura. Produzido no âmbito do programa de Doutoramento em Estudos da Literatura e da Cultura, na especialidade de Ensino da Literatura, concluído em 2010, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa,

o estudo chegado ao público em 2012 constitui um trabalho de fôlego, como também foi assinalado, no prefácio, por Maria Isabel Rocheta, ao sublinhar a novidade, a oportunidade e a utilidade desta publicação, em Portugal, na medida em que “mobiliza diversas literaturas nacionais de língua portuguesa” (p. 9).

A defesa da literatura de língua portuguesa, considerada nas suas potencialidades formativas em diversos planos, encontra neste trabalho fundamentos axiais para uma produtiva e adequada escolarização de textos narrativos. A nota que se percute ao longo da obra é clara: o conhecimento da literatura lusófona não pode ficar arredado da escola, razão suficiente para que a formação da educação literária dos jovens leitores contemple, por meio da narrativa ficcional, o acesso a universos culturais situados em outros continentes em que a língua portuguesa vicejou.

O livro encontra-se dividido em três partes. Na parte I “O Português” no ensino secundário: panorama histórico”, apresenta-se uma leitura do percurso histórico da disciplina, baseada em estudos de textos oficiais e programas escolares no intuito de alcançar uma “radiografia da evolução da aprendizagem da literatura”. A autora apoiou-se em fontes documentais sobre a instituição do ensino secundário em Portugal, na primeira metade do século XIX, com destaque para o lugar das disciplinas orientadas para o estudo da língua, da cultura e da literatura portu-

guesas, seguindo-se o mapear dos princípios norteadores, já no século XX, e em diferentes regimes educativos (Estado Novo, período da Revolução de 1974 e posteriores segmentos temporais até ao presente).

Das páginas densas de informação e de subsídios de análise trazidos por Carla Ferreira, fica-se com a ideia de que a dimensão axiológica no estudo da língua e da literatura esteve sempre presente no discurso dos documentos oficiais, sugestão que vai sendo atestada pela voz de outros estudiosos que se têm consagrado à reflexão destas questões como Rui Vieira de Castro, José Augusto Cardoso Bernardes, entre muitos outros que são referidos.

Esta noção acerca da pervivência da literatura na escola, como manancial cultural privilegiado na formação integral dos jovens, é convocada na análise que a autora opera das fontes em que se fundamentou, movida pela intenção de captar num grande arco temporal, por um lado, os problemas que se colocam à disciplina de Português; e, por outro lado, as soluções que legisladores, educadores, especialistas e professores foram encontrando, até ao presente. Da bondade pedagógica do seu discurso e dos olhos que vêem a literatura, a escola e a aprendizagem, se infere uma impressão de grande otimismo sobre o mister da literatura no ensino não superior.

“Literatura e Escola” – a segunda parte da obra – é voltada para o plano formativo da educação, que se pretende alicerçada numa filosofia humanista. O

professor aqui positivamente idealizado é alguém detentor de saberes científicos, atento às necessidades de atualizar a sua formação e, também, assíduo leitor.

Numa tal linha valorativa de modos de agregar literatura, cultura, educação e formação dos jovens, Carla Ferreira argumenta a favor de práticas que favoreçam o desenvolvimento das capacidades do leitor e que não descurem a necessária relação entre a escola, a sociedade e os seus agentes culturais. Neste sentido, destaca a importância do Plano Nacional de Leitura, como instrumento que tem garantido uma ampla circulação do livro, para além da sala de aula.

A investigação levada a cabo para operar uma fundamentada interpretação das práticas de leitura, nesta segunda parte da obra, apoia-se em estudos marcantes em âmbitos teóricos estruturantes daquilo que constitui o arcaboço do seu labor; entre eles, o da teoria curricular e das políticas educativas, o da sociologia da leitura, o da hermenêutica, o da didática da literatura e da multiculturalidade, perspetivados em função dos modos de existência da literatura de língua portuguesa em ambiente escolar. De notar a conjugação de equilíbrios no que concerne ao território da literatura portuguesa na escola, pois a perspetiva sustentada não implica a redução do espaço concedido a autores e obras do cânone nacional.

O argumento principal que se destaca sobre o adequado uso escolar de textos narrativos em língua portuguesa favorece uma interpretação que sugere

a importância de uma educação literária diferenciada e inovadora no âmbito do ensino secundário, na medida em que possibilita o acesso a outros modos de viver, de sentir, de perceber a realidade no espaço da chamada lusofonia. Aqui, a questão da alteridade impõe-se com toda a sua pregnância. Não fazendo decalques de tipo biografista entre literatura e vida, inclina-se antes a sublinhar quão fecunda é, para o crescimento afectivo e intelectual do indivíduo, a leitura de narrativas lusófonas.

A parte mais extensa do livro é a terceira (pp. 83-194), “Leituras”, a diversos títulos sugestiva para uma leitura e estudo dos docentes, que poderão utilizar os percursos desenvolvidos em torno de cinco obras narrativas. A escolha do *corpus* foi norteada pelo critério da representatividade das literaturas nacionais, tendo a autora selecionado o romance *A árvore das palavras*, de Teolinda Gersão, o conto “Nós matamos o cão-tinhoso”, do escritor moçambicano Luís Bernardo Howana, a novela *Quem me dera ser onda*, de Manuel Rui, o conto “Vida e morte de João Cabafume”, de Gabriel Mariano, e o romance *Capitães de Areia*, de Jorge Amado.

O estudo analítico-crítico e didático-pedagógico destes textos observa uma metodologia suportada em parte numa conceptualização de cariz semiótico. Assim, de certo modo justificadamente, assistimos ao recurso a procedimentos narratológicos de grande eficácia para conferir significação à moldura dos textos. Ciente de quão frutíferos são os

caminhos que levam o leitor à fruição do universo imaginário ficcionalizado, na obra literária, a Professora Carla Ferreira conjugou, nas suas propostas, inúmeras dimensões dos textos que é impossível destacar aqui com o devido relevo. Fiquemo-nos com algumas referências para a abordagem de modos de representar em clave lusófona ambientes sociais, lugares físicos, relações humanas, problemas ideológicos, etc.

Os percursos de leitura desenvolvidos neste estudo de grande lastro teórico e crítico constituem propostas abertas que os professores poderão utilizar para a abordagem de outras narrativas de língua portuguesa. A diversidade de referenciais históricos e de experiências humanas com que o leitor pode estabelecer um produtivo diálogo é de feição a levá-lo a questionar-se, enquanto sujeito que tem na sua memória e na dos seus familiares todo um manancial de referências sobre a vida dos portugueses na África colonial. Assim, com a narrativa de Teolinda Gersão sobrevém a “dimensão ontológica do universo africano, com os seus ritos de descoberta, de passagem” (p. 93), através dos olhares de filha e mãe que estruturam a perspectiva narrativa.

Com a narrativa *Quem me dera ser onda*, afirma a Autora que “a leitura transforma-se não só num momento de divertimento como também de desafio, ambos proporcionados pela interpretação de uma mensagem que contraria o óbvio” (p. 143). A valorização de

elementos como o insólito e o efeito de comicidade são de molde a levar o leitor a compreender a força de uma perspectiva caricatural sobre os acontecimentos históricos e o significado do riso na literatura.

A abordagem da relação entre personagem e espaço geográfico proposta pela autora em “Nós matámos o cão-tinioso”, se por um lado valoriza uma leitura atenta aos mecanismos de estruturação da narrativa, por outro lado preocupa-se em mostrar como o texto literário questiona a realidade histórica e social: “Assim, os espaços geográficos assumem um desempenho social, caracterizando-se pelas experiências que proporcionam, e apelando para um fundo de questionamento social entrosado no texto, onde se revelam os mecanismos de poder da sociedade colonial sobre a qual a narrativa se organiza e desenvolve” (p. 124).

Ponto alto destes percursos são as possibilidades sugeridas para motivar uma compreensão semântica e um questionamento dialógico acerca do jogo entre vida e morte no denso conto de Gabriel Mariano: “Vida e Morte de João Cabafume”. O professor poderá partir do “trajecto de vida da personagem, levando o leitor a interpretar, ainda que inconscientemente e numa fase inicial, a morte como consequência de uma eventual particularidade desse percurso” (p. 160). Entre outras sugestões, as seguintes afiguram-se deveras interessantes: “Que momentos ou períodos da vida da personagem nutri-

rão a substância da narrativa, quais as circunstâncias da morte de João, que mensagem se pronuncia através desse acontecimento, serão, afinal, questões prévias à penetração no corpo do texto que ocuparão o espírito do leitor e lhe causarão, certamente, alguma inquietação, tanto quanto mais jovem este for, pela presença do tema da rebeldia e inconformismo que culminam num ‘fim infeliz’ nas obras destinadas ou mais acessíveis a este público” (p. 160).

O estudo do romance *Capitães de Areia*, de Jorge Amado, como obra exemplificativa da ficção brasileira para uma leitura em ambiente escolar, poderia ter assinalado, eventualmente, como forma de aguçar o interesse do leitor de modo a prepará-lo para futuras incursões, a recorrência de temas, ambientes e personagens no macrotexto do escritor baiano. Com efeito, a ficcionalização do tipo de vida dos meninos abandonados – em parte crianças, em parte adultos –, jogados nas ruas da cidade, no porto de mar e heróis na dança de capoeira, alcança um rendimento semântico em outras obras como, por exemplo, *Jubiabá*, por ser temporalmente muito próxima de *Capitães de Areia*.

Uma vertente também considerada com vista ao estudo dos conteúdos a ensinar na disciplina de Português Língua Materna é o trabalho sobre a linguagem realizado pelos escritores, a cujos modos de formulação expressiva (em termos discursivos e retórico-esti-

lísticos) a autora também dedica a sua atenção.

O derradeiro capítulo, “Pontes e laços”, prolonga percursos para a abordagem em sede pedagógica dos textos, incidindo sobre todos os domínios verbais. Entre ler e escrever, leituras e culturas, paisagens e vivências, convivências e divergências, e configurações humanas multiculturais, encontram-se ao dispor do leitor propostas para construir, na sala de aula e quiçá em outros ambientes sociais (onde a leitura deve estar cada vez mais presente), uma produtiva reflexão sobre alguma da narrativa que se escreveu em língua portuguesa no século XX.

Os estudos no âmbito da didática da literatura que se ocupam das literaturas de língua portuguesa ficarão marcados por este contributo de Carla Ferreira. O labor empreendido ao longo da sua investigação é partilhado com o leitor nas 456 notas de rodapé e também numa muito pertinente bibliografia organizada por áreas de referência do trabalho, com a extensão de dezassete páginas.

Cristina Melo

PORTUGUÊS, LÍNGUA E ENSINO

ISABEL MARGARIDA DUARTE E OLÍVIA FIGUEIREDO (orgs.)

Porto, U. Porto Editorial, 2011

432 páginas, ISBN 9789898265722

O volume em apreço, organizado por Isabel Margarida Duarte e Olí-

via Figueiredo, reúne um conjunto de dezassete estudos centrados na língua e no ensino do Português, procurando articular a investigação académica com a necessária dinâmica inter e transdisciplinar e com os desafios da modernidade, tanto no tocante a novos usos linguísticos, como ao impacto que as novas tecnologias têm na habitação da língua. A usual introdução é substituída por um breve texto em contracapa, onde se esclarece o contexto da publicação. Elaborado a convite da Reitoria da Universidade do Porto, o livro “procura fornecer motivos de reflexão e pistas, umas de cariz mais teórico e outras mais práticas, que auxiliem o professor de Português na sua preparação quer científica quer pedagógica”.

Na linha de tantas outras obras que se têm esforçado por responder às exigências de sucessivos normativos, tanto ao nível do sistema de ensino, como dos programas de Português (*e.g.*, *Ensino do português para o século XXI*, orgs. Inês Duarte e Paula Morão, Lisboa, Departamento de Linguística Geral e Românica e Departamento de Literaturas Românticas/Edições Colibri, 2006, *Actas. Conferência Internacional sobre o Ensino do Português*, org. Carlos Reis, Lisboa, Ministério da Educação, 2007, *Pensar a Literatura no séc. XXI*, orgs. João Amadeu Carvalho da Silva, José Cândido de Oliveira Martins, Miguel Gonçalves, Braga, Aletheia – Associação Científica e Cultural, 2011, para referir apenas algumas das mais recentes), o presente volume foi pen-